VINTE E CINCO ANOS DE CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL[1] – NOTAS PARA UM BALANÇO –

Tania Franco Carvalhal
Tradução: Adriana Santos Corrêa
Revisão: Maria Luiza Berwanger da Silva

RESUMO: Este ensaio foi originariamente publicado na Revista *Europe*. Nele desenvolvem-se aspectos relevantes para um balanço da crítica literária no Brasil, particularmente nos últimos vinte e cinco anos. Traduzido por Adriana Santos Corrêa e revisado por Maria Luiza Berwanger da Silva, sua publicação é uma homenagem a autora – a crítica literária Tania Franco Carvalhal.

PALAVRAS-CHAVE: crítica; literatura comparada; literatura brasileira

ABSTRACT: This article was originally published in the *Europe* Magazine. In it, are developed relevant aspects to a balance of the literary criticism in Brazil, in the last twenty years in particular. It was translated by Adriana Santos Corrêa and reviewed by Maria Luiza Berwanger da Silva, its publication is a homage the the author – the literary critic Tania Franco Carvalhal.

KEYWORDS: criticism, comparative literature; Brazilian literature.

Voltar vinte e cinco anos atrás significa lançar um olhar retrospectivo sobre os anos oitenta, certamente uma das décadas mais representativas da crítica literária no Brasil. Esse momento não só catalisaria tendências recorrentes anteriores, próprias a nossos estudos literários, como também seria portador do que estava por vir. Sem pretendermos à exaustividade, é esse balanço do passado recente até o futuro imediato, um balanço que se mostra necessário, que buscaremos aqui expor.

Nos anos precedentes, em especial na segunda metade dos anos setenta, enquanto que o país ainda se encontrava subjugado ao silêncio pela ditadura militar, destacavam-se algumas grandes linhas. A tendência nacionalista (ou "nacionalizante") residia na imagem de um Grande Brasil, forte, desvinculado de toda influência estrangeira. "Brasil, ame-o ou deixe-o", lia-se nos vidros dos carros. O *slogan* propagandeava uma confiança no progresso, reafirmada pela idéia de que "Ninguém segura este país". Calando o sofrimento da maioria, a música dizia " *Pra frente, Brasil!*" pela vitória da Seleção Brasileira de futebol que acabava de ganhar, em 1970, seu terceiro título de

[1] Texto originalmente publicado com o título *Vingt-cinq ans de critique littéraire au Brésil – Notes pour un bilan*, na revista *Europe*, em volume dedicado à Literatura Brasileira, em nov./dez. 2005.

campeão do mundo, no México. Por outro lado, começava-se a aderir aos estudos analíticos vindos da Europa, mais particularmente da França. Estavam principalmente em voga as teorias inspiradas no formalismo russo e no estruturalismo tcheco. Com o interminável sucesso do *New Criticism* anglo-americano, defendido, nos anos cinqüenta, por Afrânio Coutinho e sua Nova Crítica, viriam rivalizar Mikhaïl Bakhtine, Julia Kristeva e Tzvetan Todorov. Editou-se textos fundamentais do pensamento teórico-crítico, como foi o caso, em 1973, de *Estruturalismo e teoria da literatura*, de Luiz Costa Lima, que confessaria, mais tarde, haver tido particular interesse pela obra de Lévy-Strauss[2].

Apesar de seu rigor, muitas práticas críticas oriundas dessas duas tendências teóricas desviavam-se dos aspectos contextuais, centrando-se no texto e evitando explicações fundamentadas em dados históricos, culturais e sociais. A natureza ahistórica de inúmeros desses estudos poupava seus autores de emitirem opiniões pessoais e de tomarem posições políticas que a censura, em vigor nas áreas cultural e literária, teria sem dúvida sancionado. Adotando um caráter descritivo, próximo ao da glosa, esses estudos encerravam-se no texto e o reproduziam.

Aspirando ao estatuto científico sugerido pelos avanços da lingüística e de seus pressupostos teóricos, de Ferdinand de Saussure à Roman Jakobson, a crítica de tipo estruturalista tende, por sua vez, a adotar o aparelho conceitual e metodológico da semiologia: ela elabora modelos a fim de determinar os códigos e as leis de funcionamento dos textos. Isso revelou-se, por vezes, muito produtivo, embora certas tentativas de modelização tenham se limitado a descrever seu objeto sem chegar a representá-lo de forma inventiva, sem recriá-lo e tampouco problematizá-lo.

Existem estudos que privilegiam a análise textual, distinguindo-se, no entanto, dessa vocação modelizadora, como é o caso da "Análise d'*O Cortiço* de Aluísio de Azevedo"[3]. Rejeitando a teoria do paralelismo entre literatura e sociedade, que tinha origem no positivismo crítico, Antonio Candido a substitui por uma "crítica dialética" à maneira de Lukacs e de Adorno, ultrapassando a simples relação de causa e efeito entre o fato social e o texto literário. Sua análise formal, claramente descrita, explora a dimensão social do romance e prova que é possível "mostrar, através do nível estético do texto, seu nível estrutural". Analisando a obra a partir de seu sistema de tensões e apoiando-se em duas categorias complementares da realidade – os lugares e as relações –, ele preserva a perspectiva estética, tomando como ponto de apoio a configuração da obra.

Estendendo o caráter crítico dessa conferência, seu ensaio "A passagem do dois ao três. Contribuição para o estudo das mediações na análise literária"[4] contrapõe-se aos

[2] Entrevista com Luiz Costa Lima, in: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

[3] A conferência "Análise d'*O Cortiço* de Aluísio de Azevedo" foi pronunciada por Antonio Cândido por ocasião do II Encontro Nacional de Professores de Literatura, na PUC-RJ, em 1975.

[4] Antonio Candido, in: *Revista de História*, São Paulo, n. 100, 1975.

[5] Nota das Tradutoras: as citações foram igualmente traduzidas do francês, salvo uma citação de Leyla Perrone-Moisés, retirada do texto original de *Do positivismo à desconstrução* –idéias francesas na América.

excessos praticados nas análises estruturais mais difundidas. Nesse ensaio, ele destaca a possibilidade de que "um elemento *externo*, não específico, visto que exprime complexos ideológicos de outras *séries*, possa ser utilizado como modelo *interno* e esclarecer a estrutura singular (do *interior*) da obra considerada". Na sua conclusão, Antonio Candido constata que o interessante, de fato, "é assinalar a possibilidade de uma análise totalizante que venha completar a visão das oposições graças a mediações adequadas, mostrando de que forma o social funciona como elemento de estrutura e como as componentes formais são o itinerário necessário que torna o social inteligível"[5].

Mais tarde, na sua igualmente notável análise de *Memórias de um sargento de milícias*, o crítico retomará esse método dialético, por ele denominado "reversível", pois tal método desloca-se nos dois sentidos: do texto para a sociedade e/ou da sociedade para o texto, ultrapassando assim a visão calcada no paralelismo.

Compreendemos, a partir de então, que essa crítica dialética ou totalizante tenha se contraposto ao estruturalismo ortodoxo. Ela não hesitou em utilizar os recursos da análise estrutural, impondo-lhe seus próprios princípios e procedimentos e rebelando-se contra o positivismo até então dominante. Nessa mesma direção, com variantes, encontramos Antonio Candido e seus colaboradores no departamento de Teoria Literária da Universidade de São Paulo (USP), dentre os quais João Alexandre Barbosa, Davi Arrigucci Jr., João Luís Tafetá, Walnice Nogueira Galvão e Roberto Schwartz.

Guilhermino César, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e José Aderaldo Castello, que dirige o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, também buscaram associar a orientação totalizante e o valor estético. Procurando esclarecer as problemáticas próprias à literatura brasileira, voltaram-se para textos e autores fundamentais, embora pouco considerados. Guilhermino César publicou um livro pioneiro sobre a história da literatura do sul do país, com o objetivo de elucidar a imagem do complexo cultural do Rio Grande do Sul a partir de sua vida literária[6]. José Aderaldo Castello, desde seus primeiros estudos sobre o movimento das Academias na fase colonial[7], procurou "uma teoria interna, própria à literatura brasileira", como ele explica nos seus dois importantes volumes sobre as origens e a unidade da literatura brasileira[8]. Citemos ainda José Guilherme Merquior, propagador, no Brasil, das idéias de Walter Benjamin e de Theodor Adorno, e crítico severo dos excessos na aplicação dos modelos formais[9]. Inspirando-se na iniciativa de Erwin Panofsky, ele proporá uma leitura, na sua obra, *De Anchieta a Euclides da Cunha – breve história da literatura brasileira*[10], "[d]a história no texto, em vez de dissolver o texto na História".

[6] CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

[7] CASTELLO, José Aderaldo. *O Movimento Academicista no Brasil (1641-1820)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

[8] CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira* – origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999.

[9] MERQUIOR, José Guilherme. *O Estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

[10] Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Sempre em nome de leituras imanentes, outros também, de tanto aplicarem ao texto e à escritura uma metalinguagem formalista ao extremo, fizeram do discurso crítico um "outro" texto que rivaliza, do ponto de vista da criação lingüística, com o original. Paralelamente, a crítica moveu-se, com freqüência, em direção à obra propriamente dita. Ela integrou, então, ao processo criador, as funções explicativas e interpretativas que antes pertenciam à crítica externa tradicional. Inspirando-se em "críticos-autores", tais como Roland Barthes, Michel Butor e Maurice Blanchot, essa crítica "interna" ganha uma outra dimensão, a da criatividade, e produz um texto crítico que vale por si mesmo enquanto processo de escritura.

Em um livro que prepara os alicerces para uma crítica concebida como *metalinguagem*, Haroldo de Campos, poeta, tradutor e um dos representantes do movimento concretista no Brasil, expunha, em 1970, seus objetivos: "A crítica é metalinguagem. Metalinguagem ou linguagem sobre a linguagem. O objeto – a linguagem-objeto – dessa metalinguagem é a obra de arte, sistema de signos dotado de coerência estrutural e de originalidade. Para que a crítica tenha um sentido – para que ela não se transforme em falatório e conversa (alerta de Roman Jakobson desde 1921), é preciso que ela seja proporcional ao objeto à que ela se refere e que a fundamenta na sua essência (pois a crítica é uma linguagem que remete a uma outra linguagem, sua natureza é de meditação)"[11].

O programa de Haroldo de Campos ampliou a influência, no Brasil, da obra de Roland Barthes, particularmente divulgado por Leyla Perrone-Moisés. Coordenadora, desde 2003, da coleção "Roland Barthes", ela a apresenta como um "antídoto necessário ao estruturalismo do tipo dogmático, sobretudo o da escola greimassiana, que foi tão facilmente adotada em nosso meio universitário que terminava por reduzir a espessura concreta do objeto literário a esquemas simplificadores que podem, a rigor, evitar a obra de arte que lhe servira de ponto de partida, substituída por uma hipotética matriz combinatória elementar"[12]. Segundo o concretista Haroldo de Campos, "Barthes, mesmo na sua fase 'semiológica' mais radical, nunca renunciou à sedução da face rebelde dos signos, ao fascínio da obra de invenção"[13].

Igualmente exemplar, no que concerne ao sentido da crítica interna, é a canção. É através de suas letras que viria a se manifestar a força da criação literária; com menor intensidade nos textos tradicionais e com maior intensidade na música popular brasileira (que engloba, na verdade, todas as formas musicais, assim como a canção). As letras da música popular brasileira são, em geral, representativas dessa tendência simultaneamente crítica e criativa. Desde o final dos anos sessenta, os festivais de música e as representações teatrais concentram, de forma dissimulada, as formas mais eficazes de protesto. É o caso de *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, cantada

[11] Introdução à primeira edição de: CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem* – ensaios de teoria e crítica literárias. Petrópolis: Vozes, 1970.

[12] PERRONE-MOISÉS, Leyla (Dir.). *Coleção Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

[13] CAMPOS, Haroldo de. *Op. cit.*

por Geraldo Vandré, em 1965; de *A banda*, de Chico Baurque, em 1966; de sua "canção do exílio", intitulada *Sabiá*, composta com Tom Jobim, em 1968, e de *Cálice*, composta com Gilberto Gil, sendo que esta seria proibida. Talvez *Aló, liberdade*, de Henriquez, Bardotti e Chico Buarque, em 1981, ao estabelecer um jogo intertextual com *A banda*, resuma a abertura dessas atitudes e o retorno ao múltiplo, que os anos oitenta efetivarão.

A multiplicidade dessas orientações críticas, que explode nessa época, poderia ser ilustrada por meio dos Anais do *Primeiro seminário latino-americano de Literatura Comparada*, que ocorreu na UFRGS, em 1986, com o propósito específico de fundar a ABRALIC, Associação Brasileira de Literatura Comparada, e por meio dos anais referentes ao primeiro congresso da Associação, também em Porto Alegre, em 1988.

Através desses trabalhos, manifesta-se a preocupação de reintegrar, sem determinismo, a grade histórica ao trabalho de interpretação. Isso não significava somente o retorno às leituras fundamentadas na própria construção do processo criador, mas a vontade de articular o literário às outras formas de conhecimento e de expressão artísticas. Desde o primeiro seminário, o programa "Intertextualidade e interdisciplinariedade" relocalizava os estudos de literatura comparada no campo das tendências teórico-críticas atuais. Esse vasto leque de possibilidades permitiu que se reunissem, graças à Associação, formas de pensamento diversas. Ela tornou-se assim, a maior associação de literatura da América Latina, da qual Antonio Candido salientou, recentemente, a importância: "A ABRALIC não existe somente no Brasil, ela tornou-se, devido a um próspero desenvolvimento, a mais importante e mais significativa instituição que associa, de fato, todos os tipos de especialistas da literatura, e não somente os comparatistas"[14].

Criada no âmbito de um Seminário *latino-americano*, a ABRALIC tornou-se também um meio de comunicação privilegiado entre os pesquisadores brasileiros e aqueles dos diversos países da América Latina, contribuindo para a fundação de associações coirmãs em diferentes lugares: Argentina, Uruguai, Peru, ... A atividade associativa perpetua-se e renova-se por ocasião de seu congresso, que ocorre a cada dois anos, e de colóquios regulares. Graças à análise da documentação reunida pela Associação e pelas suas coirmãs latino-americanas, logo poder-se-á medir o andamento do pensamento crítico, na região, e a forma como ele contribui para a revitalização das práticas comparativas no contexto mundial. Como observou Eduardo Coutinho, em um estudo recente, o comparatismo, no Brasil, "deslocou seu eixo de modo significativo e situa-se à frente da reflexão no continente"[15].

É assim que, paralelamente aos livros de autores individuais, os estudos apresentados por ocasião das manifestações universitárias indicam as orientações da reflexão, das quais as mais recentes apontam para, pelo menos, três direções: a obser-

[14] Correspondência privada, São Paulo, 10 de agosto de 2004.

[15] COUTINHO, Eduardo. *Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina* – ensaios. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

vação dos fenômenos de difusão e de recepção literários, o interesse crescente pelos estudos de tradução[16], a retomada dos estudos culturais[17], campo no qual os pesquisadores brasileiros possuem sólida experiência, centrada nas "minorias", nos estudos de gênero, de etnias, na discussão dos cânones estéticos e nas questões pós-coloniais, abordadas, por exemplo, em *Dialética da colonização*, de Alfredo Bosi[18], mais especificamente, no primeiro ensaio do livro, "Colônia, culto e cultura".

Os anos noventa caracterizaram-se, certamente, por uma crítica atenta a essas orientações, do pensamento de Michel Foucault a Gilles Deleuze, de Jean-François Lyotard a Jacques Derrida. Os teóricos franceses obtiveram, no Brasil, um sucesso tão grande quanto nos Estados Unidos[19]. Derrida superou largamente seus colegas da "Escola de Yale": Paul de Man, Geoffrey Hartman e Joseph Hillis Miller. A desconstrução tornou-se "um rótulo prestigioso", como observa Leyla Perrone-Moisés a respeito do "efeito Derrida"[20] e da repercussão dessas idéias em meio aos psicanalistas brasileiros. Tanto nos Estados Unidos como no Brasil, seu pensamento teve um impacto decisivo e produtivo, embora tenha dado lugar, por vezes, a interpretações precipitadas. E se os estudos culturais gozam de uma forte influência estadunidense, no Brasil, Leyla Perrone-Moisés lembra que, "ao adotar no Brasil as propostas norte-americanas, festeja-se o fim do nosso colonialismo cultural com relação à França, sem perceber que, na origem dessas propostas, estão teóricos franceses. A única diferença, para nós, é que no passado buscávamos inspiração teórica na matriz francesa, e agora o fazemos passando pelos Estados Unidos".

O debate sobre os *Cultural Studies* fez emergir o risco de ver desaparecer a abordagem literária, além de evidenciar o perigo de que especialistas em literatura voltem-se para outros campos sem a dupla competência indispensável aos estudos interdisciplinares. Mais do que defender a especificidade da literatura ou tentar evitar a redução de nosso campo de trabalho, ameaças que pesam mais em outros lugares do que no Brasil mesmo, é preciso salientar que se atribui aos "estudos culturais" uma liberdade de ação que, na realidade, não existe. Em contrapartida, procurando, por vezes, afastar a literatura, interrogar seu lugar dentre as práticas simbólicas e culturais e minimizar sua função estética, os Estudos Culturais distanciam-se do

[16] Reunindo trabalhos apresentados por ocasião do IX Congresso Internacional da ABRALIC, em Porto Alegre, além de pesquisas em curso, foi publicado: CARVALHAL, T. F.; REBELLO, L. S.; FERREIRA, E. C. (Orgs.). *Transcriações* – teoria e práticas. Em memória de Haroldo de Campos. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

[17] O Congresso da ABRALIC ocorrido em Florianópolis, em 1998, tinha como tema central "Literatura Comparada = Estudos Culturais?", que prolongaria o debate então aberto em: ANDRADE, A. L., CAMARGO, M. L., ANTELO, R. (Orgs.). *Leituras do ciclo*. Florianópolis: Grifos, 1999.

[18] BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

[19] CUSSET, François. *French Theory. Foucault, Derrida, Deleuze & Cie et les mutations de la vie intelectuelle aux États-Unis*. Paris: La Découverte, 2003.

[20] PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas. In: _____ (Org.). *Do positivismo à desconstrução* – idéias francesas na América. São Paulo: Edusp, 2004. p. 232.

comparatismo, que sempre pressupõe que a literatura permaneça como um dos termos da comparação.

Porém, enquanto se insiste na reapropriação de teorias estrangeiras, manifesta-se também a vontade de encontrar categorias originais e de ressemantizar outras categorias, desde então mais adaptadas ao contexto brasileiro. Assim, o conceito de "entre-lugar" do discurso latino-americano, que Silviano Santiago[21] elabora a partir do pensamento teórico de Derrida, alimenta o debate sobre a dependência cultural e o lugar, flutuante, dos países ditos "periféricos". A experiência com o incerto, com o híbrido, o reconhecimento do apagamento das margens, a alteração dos conceitos de centro e de periferia abrem perspectivas interpretativas novas que ultrapassam os limiares das diferentes formas de aproximação ao literário. De qualquer modo, essa necessidade, cada vez mais perceptível em meio aos especialistas, de buscar, na crítica brasileira e na literatura, categorias e orientações próprias, é totalmente positiva.

Hoje, mais do que de "crise" – termo habitualmente associado à literatura e à crítica literária – fala-se, freqüentemente, de "colapso da crítica". Esse desfecho com ares dramáticos teria, certamente, como causa imediata, o confinamento dos críticos nas universidades, onde a dissertação e a tese desenvolveram-se em detrimento do ensaio, que lá se praticava no passado. A crítica que sobrevive na imprensa, restrita a um espaço cada vez mais reduzido, torna-se uma mistura insípida de análise universitária e de crítica literária que exclui, na maioria das vezes, todo julgamento de valor. O que parece em vias de desaparecimento é a "atitude" crítica, a capacidade de julgar e de emitir um julgamento. O poder de avaliação é cada vez menos utilizado.

Nessas condições, a crítica pára de funcionar como um oxigenador da cultura, como um espaço dialético que abre o debate. Ao contrário, ela se isola. Por um lado, a busca de rigor a torna cada vez mais elitista, adotando um jargão específico cujo acesso encontra-se exclusivamente reservado a seus pares. Esse tipo de estudo tem dificuldade em considerar o contemporâneo, dando preferência ao que já é consagrado, recorrendo aos paradigmas já legitimados. Por outro lado, o texto jornalístico curto e pouco consistente contenta-se em informar e alimentar a mídia. Entre esses dois extremos, raros são aqueles que alcançam o equilíbrio de uma linguagem clara e objetiva para perceber o que parece, sem recusá-lo, mas julgando-o com o objetivo de antecipar sua evolução no universo literário.

Eis o que se pode esperar da crítica literária brasileira, neste início de milênio.

[21] SANTIAGO, Silviano. *Por uma literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.